

CRÍTICA TEATRO | INCONDICIONAIS

POR CLÁUDIO HANDREY - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ

Um dos melhores representantes do teatro de pesquisa carioca, a companhia Amok reverbera sólida trajetória artística, debruçando-se sobre o trabalho do ator e linguagens da cena, mantendo sede própria em Botafogo. Desde 1998 fulguram no repertório obras como o ótimo “Cartas de Rodez”, “O Carrasco”, “Macbeth” e muitos outros como “Furacão”, acumulando os mais renomados prêmios do país, realizando turnês nacionais e internacionais.

Com dramaturgia e direção do duo criador Ana Teixeira e Stephane Brodt, o público é apresentado e convidado a refletir sobre as agruras que perpassam o sistema prisional feminino no potente “Incondicionais”. A narrativa, sob caráter documental, é inspirada nos livros: “Cadeia – Relatos sobre mulheres, de Debora Diniz, “Prisioneiras”, de Dráuzio Varella, “Presos que Menstruam”, de Nana Queiroz e “Prisioneiras – Vida e violência atrás das grades”, de Bárbara Musumeci Soares e Lara Ilgenfritz.

Espelhando-se numa realidade nua e crua, o texto, que também foi alicerçado a partir de artigos, depoimentos, entrevistas, alça voos dramatúrgicos através do macrocosmo violento que expõe o regime carcerário e suas peculiaridades aterrorizantes. Ao estimular a reflexão, com sensibilidade, a escrita oportuna desvela situações-limite, pelas quais a justiça possa vir a encontrar probabilidades mais



Entre fardas escuras e jalecos brancos, a Cia Amok discute racismo, maternidade, direitos humanos em ‘Incondicionais’

Invisibilidade SOCIAL

humanitárias, a fim de minimizar o suplício daquelas mulheres tão invisibilizadas, antes mesmo da condenação judicial.

A direção legítima toda a investigação, implantando uma rigidez

que fortalece a temática. A dupla liderança conduz seu elenco com extrema eficiência, extraindo os meandros daquele universo execrável. Edifica um espetáculo desenhado, cujas mudanças de cena metafo-

rizam regras imutáveis, como se leis não pudessem ser revogadas, teatralizando a encenação, como sempre.

As atrizes unificam-se instaurando todo o clima necessário, humanizando suas personagens. Há uma

embocadura que exalta a dramaticidade e todas articulam no mesmo diapasão, supostamente sugerido pelos diretores. Dai Ramos constrói a dureza de sua Rayane com segurança e multiplica-se como dona Debora com versatilidade. Sirlea Aleixo emprega alívio cômico em sua Ivanilde e costura veracidade na doutora Silvia. Luciana Lopes emociona no discurso inflamado de sua Lorena, uma mãe agonizante. Taty Aleixo impõe-se com tranquilidade nos seus respectivos papéis, além de cantar lindamente, e Thay Aleixo cumpre com firmeza o que lhe é concedido. A cena no refeitório configura ótimo jogo.

O cenário de Ana Teixeira e os figurinos de Stephane Brodt são simples e adequados, auxiliando a imagem daquele ambiente hostil. A iluminação de Renato Machado é gelada, com poucas variações, ressaltando a frialdade humana.

“Incondicionais” funciona como denúncia, para que instâncias superiores do Judiciário possam estar atentas a mudanças, na consciência de que no cárcere habita seres humanos.

SERVIÇO

INCONDICIONAIS

Teatro Arena do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)

Até 19/7, às quintas e sextas (20h), sábados e domingos (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 27 (convênios), R\$ 21 (sócio Sesc) e R\$ 15 (meia)

NA TRIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Dualidades em cena

A Cia. Dos À Deux apresenta no Centro Cultural Banco do Brasil do Rio de Janeiro “Confuzo”, montagem que explora a tensão entre enraizamento e movimento. Em cena, dois personagens: O Homem-Árvore busca pertencimento mas é rejeitado pelo mundo, enquanto O Homem-Luz alimenta a energia do espetáculo ao pedalar uma engrenagem. Enquanto um deseja raízes, o outro se consome iluminando o palco. O espetáculo transforma o espaço numa reflexão poética sobre permanência e deslocamento.



A mulher multitarefa

O grupo brasileiro Ata apresenta “Se Eu Fosse Eu – Clarice” no Centro Cultural da Justiça Federal. A montagem adapta três contos de Clarice Lispector e explora a complexidade do universo feminino. O palco vira cozinha, onde um bolo é gradualmente preparado enquanto as atrizes dialogam com as múltiplas facetas de Clarice, abordando tabus e contrastes com ironia e sensibilidade. A peça reflete sobre a figura feminina multitarefa, usando ingredientes culinários como metáfora para questionamentos profundos sobre a vida.



Fragmentos de memória

Nova criação da Companhia Brasileira de Teatro, “História” reúne dois atores e um músico em cena. A montagem explora fragmentos de vivências despertados por fotos, canções e histórias que abordam rejeição, abandono, preconceito e relações familiares. O espetáculo questiona a narrativa oficial ao dar voz às múltiplas verdades historicamente silenciadas, revelando um mundo fraturado que não se sustenta mais em versões únicas do passado. Em cartaz até o dia 26 no Centro Cultural Banco do Brasil.